

Serões do Minho

De como cada espectáculo escolhe o seu público

♦ **GLADIADORES**
de Alfredo Cortês

♦ **O COMISSÁRIO DE POLÍCIA**
de Gervásio Lobato

Por detrás dos três espectáculos recentemente estreados nas cidades de Braga, Viana do Castelo e Porto perfilam-se, claramente, diferentes estratégias de integração na comunidade e públicos-alvo igualmente diversificados. Assim, parece-nos evidente que *Dámabriga*, em cena no Teatro Circo de Braga, se destina, prioritariamente, a um público amante de emoções fortes ou preocupado com os problemas sociais da juventude; que *Gladiadores*, no Teatro Sá de Miranda de Viana do Castelo, procura um leque de público de características mais heterogêneas, incluindo o dos intervenientes directos nos vários sectores de animação da cidade; e que *O Comissário de Polícia* do grupo Seiva Trupe, do Porto, tem no seu horizonte o público fiel da Companhia. Para se compreender de que modo este programa implícito se realiza, detenhamo-nos, então, nos dois últimos espectáculos estreados, respectivamente, em Viana do Castelo e no Porto.

A estratégia de alargamento de públicos que a escolha de *Gladiadores* parece contemplar não se esgota no facto de a peça de Alfredo Cortês ser um texto de grande modernidade, o que permitiu a Castro Guedes e à equipa do Teatro do Noroeste criarem um objecto de grande espectacularidade capaz de atrair públicos de vários horizontes. A própria inclusão de músicos e de actores oriundos de agrupamentos amadores da cidade revela a estreita relação da Companhia com os demais sectores de animação cultural da região, relação que está na origem directa da criação do Teatro do Noroeste na sequência de um trabalho de formação desenvolvido com os grupos de teatro amador do concelho.

Sob o ponto de vista criativo, o trabalho que marca o retorno de Castro Guedes ao teatro constitui um programa com duas vertentes fundamentais: a «redescoberta» de uma dramaturgia portuguesa de grande potencialidade cénica e a defesa, para a descentralização, de um teatro que transcenda a mera animação e se assuma como desafio estético para todos os intervenientes, público incluído. Com efeito, se este espectáculo revela algumas debilidades de conjunto, mormente no desequilíbrio da qualidade dos intérpretes e na fragilidade de uma dramaturgia prévia que é secundarizada pela espectacularidade e pelo lúdico das imagens, a verdade também é que essas dificuldades são contrabalançadas por um grande investimento na formação de um colectivo alargado de actores e um salto qualitativo notável das propostas cenográficas.

A polémica peça de Alfredo Cortês, estreada no Teatro Nacional em 1934, é aqui revisitada menos na sua dimensão de alegoria política — o que a aproxima, pelo conteúdo, das farsas moralizadoras de Gil Vicente — que na sua dimensão formal de caricatura vanguardista, nomeadamente nas suas vertentes pirandellianas, surrealistas e expressionistas. Partindo deste investimento formal, que tem como moldura cenográfica uma escadaria

monumental fragmentada e distorcida, a lembrar as famosas Jessner Treppen (as escadas de Jessner) do expressionismo alemão, uma arena circular e cortinas vermelhas fixas, ou móveis que permitem sublinhar a dimensão distanciadora do teatro-dentro-do-teatro — um trabalho notável de Catarina Amaro a revelar um salto qualitativo apreciável como criadora de espaços —, Castro Guedes procede ao apagamento dos laivos naturalistas, ainda presentes na peça de Cortês, e sublinha uma estilização cénica que não se reflecte, todavia, com a mesma força no tipo de trabalho de composição solicitado aos actores.

Porém, ainda assim não é essa a dimensão mais problemática desta arlequinada de tonalidade futurista. É que a caricatura do social que *Gladiadores* veicula não é ideologicamente apresentada, mas simplesmente restituída como uma paródia, sim, mas sem que o espectáculo interroge os alvos dessa mesma caricaturização. E se Alfredo Cortês castiga, rindo, uma sociedade de oportunismos, sociais e políticos, (em que alguns vêem mesmo uma crítica ao fascismo emergente), a metáfora central a que recorre — o confronto ou a guerra entre os sexos — necessita ser analisada para que, afinal, se não esqueça que por detrás de uma

passaram a vida a amar-se como dois noivos, acabam de falecer, no mesmo dia e quase à mesma hora, por nenhum deles saber sobreviver ao outro. Esta notícia, dada pelo nosso jornal, passou despercebida, mas merece ser ponderada. Meus senhores! Muito boa noite.» Esta mensagem é, assim, a solução preconizada pelo autor para redimir a sociedade: a procura do amor autêntico e a recusa das fantochadas que a sua peça retratou. Nada se pode levantar contra a mensagem do amor como redentor das sociedades. No entanto, nem o espectáculo nem os espectadores podem aceitar de ânimo leve, ou seja, rindo, simplesmente, a redução a que é submetido, nesta peça, o feminismo militante, através da paródia à Advogada, à Presidente e à Diplomada (anotem-se as funções sociais e lembremos que Cortês era jurista) que visam tornar hilariantes algumas célebres mulheres da altura como, entre outras, a, também jurista, Elina Guimarães, a jornalista Maria Lamas ou demais históricas do feminismo português como Ana de Castro Osório e Adelaide Cabete.

Este é um problema dramático que, mais do que a pateada da estreia original, poderia ter dado novos elementos de referência para a releitura de

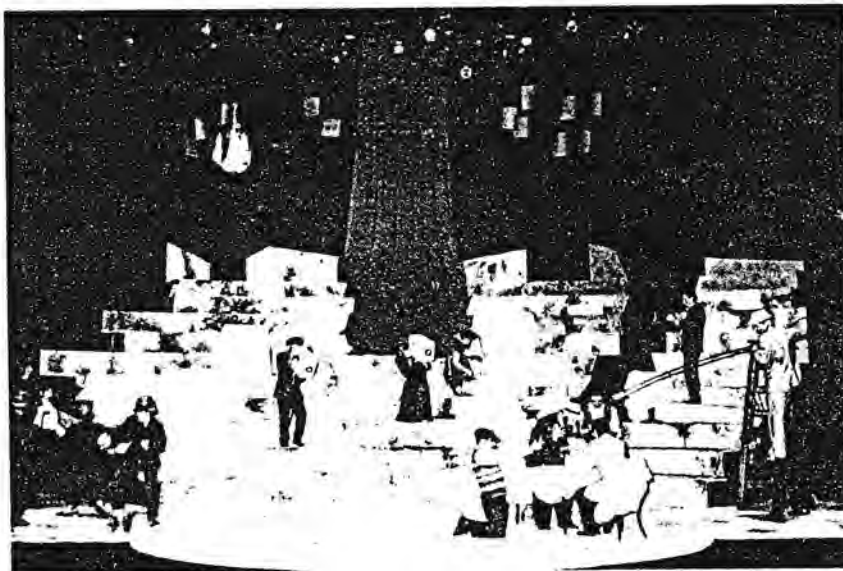
Gladiadores. Mas se ninguém estranhou o processo, fiquemo-nos pelo elogio esperado ao desempenho dos actores (sobretudo Waldemar de Sousa, Vera Azevedo, Lígia Gonçalves, Conceição Gonçalves ou Maria José Miranda e Manuel Geraz), tendo em linha de conta o desenho histriónico das figuras desenhadas e a elegância posta no desempenho coreográfico. Muito Kananga do Japão, o que, aliás, até faz sentido se nos ativermos à época.

No Porto, *O Comissário de Polícia* do grupo Seiva Trupe é um pouco um espectáculo sem história. A pecinha de Gervásio Lobato, uma comédia de costumes do final do século XIX que fala de uma esposa-me-

gera, de um marido fraco, de casamentos de interesse, de infidelidades conjugais e «tutti-quantí», resolveu-se num espectáculo de rotina caseira, em que cada actor faz o que sabe e o público ri sobretudo das piadas de traço grosso. Os cenários de Mário Alberto demonstram a sua perícia no género e o trabalho sobre o texto consiste, exclusivamente, na adaptação do imaginário lisboeta às realidades do Porto. João Cardoso emerge como o actor que melhor soube circundar as dificuldades, pois o seu Escrivão desenha-se no espaço com a segurança cômica de um arlequim da «commedia dell'arte». António Reis e Maria Alice Vasconcelos dominam o jogo com facilidade e, no resto, talvez o próprio espaço remodelado do Auditório Carlos Alberto tenha sido o espectáculo mais interessante que nos foi dado ver. Aguardemos as próximas propostas do Seiva Trupe, uma das quais, *Porto d'Honra*, se anuncia como o regresso da Companhia a um género em que dá meças.

(*Gladiadores*, Teatro Sá de Miranda/ tel.(058)24189: 3ª a sáb. 21h30; dom. 16h; *O Comissário...*, Auditório Carlos Alberto/ tel.(02)2008659: 3ª a sáb. 21h30; dom. 16h)

Eugénia Vasques



«Gladiadores»: a redescoberta de uma dramaturgia

peça magistralmente construída se podem ocultar alguns elementos ideologicamente mais próximos de uma filosofia à Plínio Salgado (autor de *A Mulher no Século XX*, obra dedicada «às mães, esposas, noivas, irmãs, da Nação Portuguesa e da Pátria Brasileira») que do ideário da Liga das Mulheres Republicanas que *Gladiadores*, aliás, não se esquece de citar num jogo de segundos sentidos com a polissemia da palavra «liga». Partindo, pois, da metáfora do confronto entre sexos — representados, com bastante conservadorismo, por um universo que se divide entre feministas-machas e devoradoras de homens, e machistas de pacotilha, cujo contraponto, também paródico, é constituído por um cinéfilo par de um Galá com uma Ingénua — Alfredo Cortês vai provar que o «casamento» destas aberrações sociais só pode resultar no nascimento de um Menino monstruoso (produto não só do casamento da Protagonista com Belo Bruto, mas dos vinte casamentos prévios daquela «plurivivida»). A moral da história é dada no epílogo do texto, que o Autor desejava emitido por um altifalante, fora de cena (a sua própria voz?) e o encenador remete, comprometedoramente, para uma das figuras: «Numa pequenina aldeia de Portugal, dois velhinhos, muito velhinhos, que